

**IMAGENS DA RUA: DESENHOS E PINTURAS DE MORADORES DA CASA  
DE ACOLHIDA SÃO PAULO DA CRUZ - CAMPINA GRANDE / PB**

Yuri Max Araújo Tavares de Farias<sup>1</sup>

Gilvan de Melo Santos<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

[yurimax.atf@gmail.com](mailto:yurimax.atf@gmail.com)

[gilvanmusic@gmail.com](mailto:gilvanmusic@gmail.com)

**Decadência e Ascensão do Símbolo**

Para que se possa compreender o processo de decadência e ascensão do símbolo faz-se mister realizar um estudo que perpassasse as diferentes concepções científicas construídas no decorrer da história. Tendo prevalecido anteriormente ao século XVI, conforme Capra (1983), possuindo como autoridades precursoras Aristóteles e a Igreja, a visão de mundo orgânica onde predominava a interdependência dos fenômenos espirituais e materiais bem como a subordinação das necessidades individuais pela comunidade, de tal forma que o conhecimento estava intrinsecamente ligado às relações buscando a compreensão e o significado das coisas ao invés do exercício da predição e do controle. Havendo, entretanto, nos séculos XVI e XVII, uma brusca transição através da qual passou a predominar o mecanicismo, a descrição matemática e o método analítico de raciocínio, influenciada pelos feitos de Copérnico, ao sugerir o erro da concepção geocêntrica, de Galileu, qual foi o primeiro a combinar a experimentação científica com a linguagem matemática, e de Newton que possibilitou a descrição de inúmeros fenômenos através de fórmulas e cálculos, sendo este modelo também defendido posteriormente por Francis Bacon e René Descartes. Tal concepção levaria pois, à dissecação dos objetos de estudo, valorizando a compreensão das partes constituintes do todo, bem como aquilo que é evidente, em detrimento ao holismo das

---

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup>O orientador do presente artigo é graduado em Psicologia /UEPB e em Arte e Mídia /UFCG. Possui Mestrado em Educação pela UFPB e Doutorado em Lingüística também pela UFPB. Professor de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba.

relações de interdependência entre os fenômenos, promovendo o valor do signo e a desvalorização do símbolo e do tácito.

Certamente o modelo mecanicista perdurou por muito tempo, sendo Freud seu opositor no campo da psicologia, autor este que no início do século XX indo contra a primazia da racionalidade propunha o conceito de inconsciente, além abrir margem para o estudo dos símbolos ao escrever sobre interpretação de sonhos, por mais que em seu caso, como dito por Durand (1964), as representações das imagens do inconsciente fossem tratadas como **signos<sup>i</sup>**. E é por este viés que Jung, que por algum tempo fora seu discípulo, passou também a estudar os sonhos, porém de forma diferenciada, ampliando a significação das imagens de tal forma a considerá-las como símbolos complexos relacionados a um contexto bem mais amplo que a sexualidade, propondo que estes teriam relação com os mitos e rituais ancestrais, bem como com o inconsciente **coletivo<sup>ii</sup>**. Tal concepção sobre os sonhos proporcionou a percepção de informações escondidas dentro dos conteúdos manifestos dos sonhos e também dos desenhos de seus pacientes, o que se mostrou de grande valia para a compreensão do comportamento de seus pacientes.

Destarte, poder-se-ia encontrar dentro das imagens produzidas ao longo da história, significados latentes, e intenções secretas escondidas dentro da estrutura destas imagens, bem como dentro da narrativa de seus sonhos.

### **Estrutura e função do símbolo**

Concernente ao supracitado, referindo-se à relação do símbolo com a cultura e o comportamento social, Gilbert Durand (1964) elucida a idéia dos jogos como conservatórios de símbolos ou ritos naturais, diz ele, que os jogos muito antes da sociedade adulta, educam a infância por meio de um legado simbólico arcaico, dando à imaginação, à sensibilidade simbólica da criança a possibilidade de jogar em plena liberdade. Concluindo, portanto, que os jogos não são meros acasos, estando eles ligados à fase do pré-exercício e a rigorosas tradições simbólicas arcaicas.

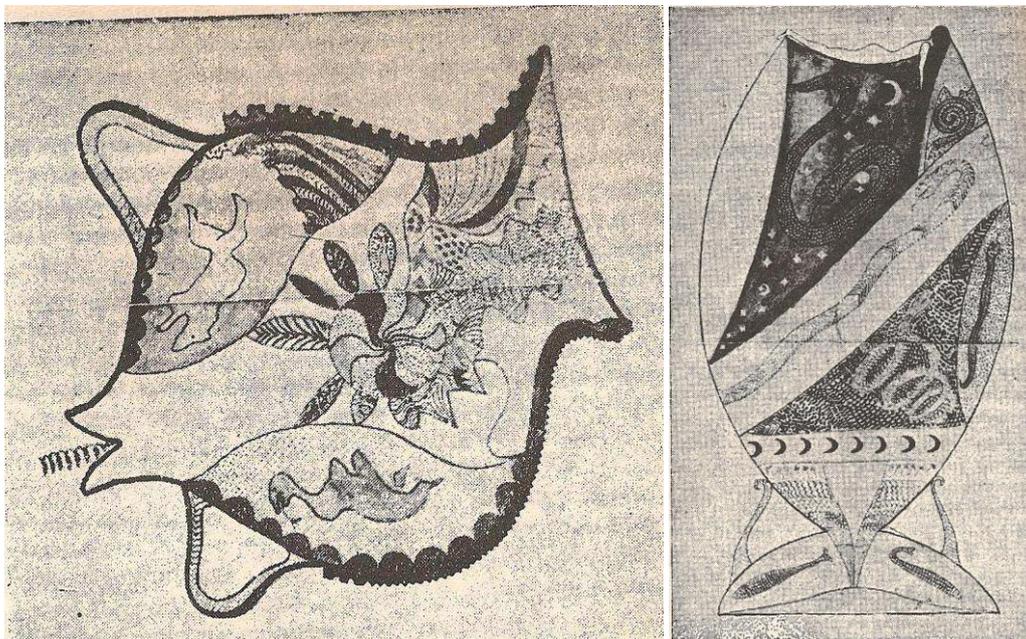
Neste sentido de perceber a estrutura dos símbolos, Jung observou que quanto mais imagens fossem acumuladas mais se estruturaria a mensagem transmitida pelo inconsciente, tal como referido na seguinte citação:

“Não gosto de analisar um único sonho em separado, pois a interpretação seria arbitrária. Pode-se especular o que bem se entender a respeito de um sonho, mas quando comparamos uma série de, digamos, 20 ou 100 deles, então poderemos ver coisas realmente interessantes.” (JUNG, 1972, p.107)

Este processo de transição na sequência das imagens pode ser exemplificado pelos desenhos produzidos por um paciente de Jung, encontrados logo abaixo. Percebendo-se através destes que a figura 1 demonstra traços esquizofrênicos na personalidade do paciente, dentre outros distúrbios, sendo tais características aí identificadas primeiramente pela distorção na simetria da figura, já na figura 2, que fora desenhada mais adiante no processo terapêutico, representa aspectos mais coesos quanto à simetria o que permite conceber que houve algum avanço quanto ao reequilíbrio psíquico à medida que o paciente tomava consciência das mensagens de seu inconsciente, permanecendo, ainda assim, traços esquizofrênicos demarcados pela forte fragmentação das imagens contidas na figura.

Figura 1

Figura 2



Fonte: Desenhos retirados do livro Fundamentos da psicologia analítica (JUNG, 1972, p.223,226)

Visto isso, não obstante surge o pensamento de que pode ser muito difícil encontrar tamanha quantidade de imagens, entretanto, Jung (1972) faz referência à necessidade de estabelecimento de equilíbrio, este qual é uma das funções do símbolo, também mencionada por Durand (1964), sendo assim o indivíduo estará sempre a expressar seus conteúdos inconscientes de forma implícita, de tal forma a entrar em conformidade consigo mesmo, visto que as expressões obscuras, seja das imagens gráficas ou oníricas, retratam este desequilíbrio.

Como comprovação desta necessidade de equilibrar-se é possível tomar por base os estudos realizados pela aluna de Jung, Nise da Silveira (1992), esta qual realizou um estudo pioneiro no Brasil com pacientes de hospital psiquiátrico analisando pinturas feitas por estes, acabando por descobrir que apesar do grande fracasso de muitos na expressão pela palavra verbal ou escrita, estes representavam em seu desenho, de acordo com análises feitas por ela e por Jung, uma busca interna pela cura.

Consoante à representação das imagens, Pedro D'Alfonso (1988) ao apresentar o este Wartegg expõe como consideráveis as variadas disposições assumidas pelas imagens na escritura qual se analisa. De tal forma que quanto à lateralidade, a direita, o meio e a esquerda, significam, respectivamente, a busca do futuro, presente e passado, enquanto as partes superiores, medianas e inferiores, referem-se, respectivamente aos aspectos intelectuais, emotivos e vegetativos.

Devendo portanto, ser levados em conta na análise de qualquer representação imagética, uma imensa diversidade de fatores, não se encerrando nos fatores aqui apresentados, sendo estes apenas uma pequena parcela de forma a fazer uma breve demonstração das estruturas imagéticas dos símbolos e de algumas de suas funções.

### **Repercussões Científicas e Sociais**

Diante dos estudos referidos é possível perceber parcialmente, quão importante pode ser a aplicabilidade do símbolo em campos científicos diversos a partir de suas influencias na antropologia, psicologia e sociologia, podendo no caso da pesquisa ser utilizado como meio de decodificação de segredos, de discursos silenciados por pressões diversas, tenham estas, cunho social, biológico ou psicológico. É diante desta percepção, pois, que o projeto intitulado *Minha casa, minha rua: imaginário da saúde mental de moradores da Casa de Acolhida São Paulo da Cruz - Campina Grande - PB*, desenvolvido pelo orientador Gilvan de Melo Santos, professor da UEPB, juntamente com os orientandos Harley Jorge de Oliveira Silva e Yuri Max Araújo Tavares de Farias, no intuito de promover um processo psicoterapêutico através dos desenhos e pinturas produzidos pelos moradores da Casa de Acolhida São Paulo da Cruz, bem como identificar a partir dos desenhos as representações da história e das vivências de cada sujeito, o que poderá corroborar as diversas conclusões possíveis mediante a revalorização dos símbolos e as possíveis elucidações de imagens obscuras que se mantêm afastadas da consciência e conseqüentemente da expressão consciente e intencional, além da possibilidade de reestruturação social e identificação de si com o coletivo. E partindo destas

corroboações analisar de que forma a dinâmica destas influências provenientes da saída do iconoclasmo pode, pois, ter influenciado na escrita da história e na pesquisa fontes históricas imagéticas.

## NOTAS DE FIM

---

<sup>i</sup> Signo é algo que remete para um significado verificável, não havendo margem para interpretações variadas, contrariamente ao símbolo que se permite remeter a vários significados. (DURAND, 1964)

<sup>ii</sup> “O inconsciente coletivo... é constituído, numa proporção mínima, por conteúdos formados de maneira pessoal; não são aquisições individuais, são essencialmente os mesmos em qualquer lugar e não variam de homem para homem. Esse inconsciente é como o ar, que é o mesmo em todo lugar, é respirado por todo o mundo e não pertence a ninguém. (FADIMAN; FRAGEE, 1979)

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. Bantan, 1983.

D’ALFONSO, Pedro G. Símbolos e inconsciente personal: El Wartegg proyectivo. Buenos Aires: Libreria “El Ateneo” Editorial, 1988.

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Trad. Carlos Aboim de Brito. 1993. Lisboa. Edições 70. 1964.

FADIMAN, J.; FRAGEE, E. Teorias da personalidade. Trad. Camila Pedral Sampaio. São Paulo, Sybil Safdié. Harper and Row do Brasil. 1979

JUNG, Carl G. Fundamentos da psicologia analítica. Trad. Araceli Elman. Petrópolis. Vozes. 1972.

JUNG, Carl G. A energia psíquica. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Ed. 9°. Petrópolis. Vozes, 2007.

SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.

---

Psique Ciência & Vida - Edição Especial Psiquiatria no Brasil. Ano. 8, Ed. Nº 7. São Paulo: 2009